

O dilema do capitalismo de vigilância

Gabriel Nippes

Paulo Octavio Guidolini



LEFÈVRE, Flávia. *Capitalismo de Vigilância e o esgarçamento da Democracia*. 2018. Disponível em: <<https://flavialefevre.com.br/pt/capitalismo-de-vigilancia-e-o-esgarçamento-da-democracia>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

Desde a segunda metade do século XX, desenvolveu-se em escala mundial as bases para a rápida expansão das tecnologias digitais, que seriam responsáveis por modificar radicalmente as estruturas sociais e a forma como nos relacionamos. É provável, por exemplo, que você leitor esteja neste momento lendo nossa resenha em um smartphone, fruto dessa revolução tecnológica. Foi a partir dessa nova e revolucionária indústria da informação, que se basearia uma nova ordem econômica, intitulada Capitalismo da Vigilância.

Esse termo, popularizado pela pesquisadora Shoshana Zuboff, denota uma nova fase do capitalismo, iniciada pelas grandes empresas de tecnologia do Vale do Silício, que monetiza dados obtidos através dos serviços os quais,

aparentemente, nos oferecem gratuitamente⁴⁷. O ramo da tecnologia, altamente monopolizado, tem gerado seus lucros principalmente através da extração dos dados pessoais de usuários para comercialização. Empresas como o Google, Facebook e a Microsoft, utilizam essas informações para alimentar inteligências artificiais capazes de antecipar o comportamento humano e, assim, vender aos anunciantes previsões sobre as ações dos usuários. Dessa forma, para facilitar o aumento da acumulação de capital, tornou-se necessário, não apenas prever, mas modificar o comportamento humano. O capitalismo, em seu infundável processo de valorização, passou a mercantilizar a própria experiência humana, utilizando-a como matéria-prima para processos comerciais, com o objetivo de aumentar exponencialmente a massa de lucro.

Essa nova forma de arrecadação do capital, herdeira dos processos de ascensão neoliberal de meados do séc. XX, surge com novas particularidades a partir do final dos anos 90. Com a popularização da internet e a crescente demanda por computadores nos Estados Unidos, o mercado de tecnologia passou por um superaquecimento e, motivados pela

⁴⁷DE FREITAS, Gêssica; BECARI, Jade. A **DEMOCRACIA SOB O CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA: ANÁLISES PRELIMINARES DA INFLUÊNCIA TECNOLÓGICA NOS PROCESSOS ELEITORAIS**. 2020. Disponível em: <<https://boletimluanova.org/2020/09/08/a-democracia-sob-o-capitalismo-de-vigilancia-analises-preliminares-da-influencia-tecnologica-nos-processos-eleitorais>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

expectativa de ganho rápido, muitas empresas foram abertas sem ao menos gerar lucros, criando uma enorme bolha especulativa. Consequentemente, no início dos anos 2000, a bolha da internet estourou, levando diversas empresas do ramo à falência e obrigando as sobreviventes a reformularem o seu modelo de negócio.

O Google, que antes somente extraía dados comportamentais para melhoria dos seus serviços, criou o Google AdSense e passou, também, a utilizar essas informações para a análise e produção de algoritmos cada vez mais precisos. Esses códigos podem deduzir os desejos e necessidades dos usuários a fim de enviar anúncios direcionados que correspondiam a esses interesses. A partir desse momento, ficou claro que os verdadeiros clientes da empresa são os anunciantes e nós, meros produtos. A iniciativa mostrou rapidamente os seus frutos: em 2006 o Google faturou US\$ 10 bilhões⁴⁸ em receita publicitária, tornando a empresa uma gigante da publicidade. Esse enorme faturamento influenciou outras companhias a adotarem o mesmo sistema, expandindo a economia da vigilância no ramo tecnológico.

Desenvolveu-se, assim, uma nova forma de exploração capitalista que, disfarçada no discurso de progresso e desenvolvimento, penetrou no modo de vida contemporâneo, se apossando de nossas informações e vendendo nossa individualidade como mercadoria aos anunciantes. Nós viramos o produto, e a tendência é que essa lógica se estenda cada vez

mais. Com o big data⁴⁹ e a adesão do 5G, ainda mais aparelhos poderão se conectar à internet, aumentando a coleta de dados e, por conseguinte, gerando uma massa de lucro cada vez maior. É previsto que a "internet de todas as coisas" gere um valor agregado de US\$ 14,4 trilhões até 2022⁵⁰. Esses avanços prometem maravilhas para a humanidade, porém, se tudo estiver conectado, tudo será vigiado. Os dados utilizados para a formação dos modelos preditivos de consumo começaram a ser expropriados, de forma direta e indireta, através de históricos de pesquisa, likes, perfis visitados nas redes sociais, varredura de e-mails⁵¹, análise de semântica, rastreamento da localização dos smartphones, reconhecimento facial, entre outros comportamentos online⁵².

Para Shoshana Zuboff, autora do livro "A era do capitalismo de vigilância" (The Age Of Surveillance Capitalism), a extração denota a ausência de reciprocidades estruturais entre as empresas e a sociedade e, por esse motivo, as companhias que participam dessa lógica de acumulação se separam da narrativa histórica das democracias de mercado ocidentais. Henry

⁴⁹Big data são conjuntos muito grandes de dados que são produzidos por pessoas que usam a Internet e que só podem ser armazenados, compreendidos e usados com a ajuda de ferramentas e métodos especiais. BIG DATA. In: Cambridge Dictionary. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/big-data>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

⁵⁰BRADLEY, Joseph; BARBIER, Joel; HANDLER, Doug. **Embracing the Internet of Everything To Capture Your Share of \$14.4 Trillion**. 2013. Disponível em: <https://www.cisco.com/c/dam/en_us/about/ac79/docs/innov/loE_Economy.pdf>. Acesso em 11 nov. 2020.

⁵¹Canaltech. **Google defende seu direito de fazer varredura eletrônica no conteúdo do Gmail**. 2013. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/mercado/Google-defende-seu-direito-de-fazer-varredura-eletronica-no-conteudo-do-Gmail/>>. Acesso em 12 nov. 2020.

⁵²Reuters. **Google é processado nos EUA por monitorar navegação de usuários na internet**. 2020. Disponível em: <<https://link.estadao.com.br/noticias/empresas,google-e-processado-nos-eua-por-monitorar-navegacao-de-usuarios-na-internet,70003323753>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

⁴⁸ANNUAL REPORT PURSUANT TO SECTION 13 OR 15(d) OF THE SECURITIES EXCHANGE ACT OF 1934 For the fiscal year ended December 31, 2006. Google Inc. 2006. Disponível em: <<https://www.sec.gov/Archives/edgar/data/1288776/000119312507044494/d10k.htm>>. Acesso em 11 nov. 2020.

Ford, ao estipular o “dia de cinco dólares”, reconhecia que só a partir da valorização do trabalhador-consumidor seria possível desenvolver efetivamente o capitalismo de produção em massa. Esse novo contrato social, baseado nas ideias de reciprocidade produtiva, foi essencial para o surgimento da classe média e o aumento do padrão de vida. Porém, as empresas de alta tecnologia representam uma ruptura com essa lógica, tem-se pouco interesse em tornar os usuários em clientes ou funcionários. De acordo com a autora, em 2014 as três maiores empresas de tecnologia do Vale do Silício tiveram uma receita de US\$ 247 bilhões, com apenas 137 mil funcionários, em contraposição com as três principais montadoras de Detroit que, mesmo em 1990, obtiveram uma receita de US\$ 250 bilhões e 1,2 milhões de contratados⁵³.

O uso de redes sociais em relação aos impactos psicológicos e sociais dos indivíduos apresenta contradições fundamentais, assim como todas as outras contradições que aparecem durante esse texto. De acordo com o artigo “O impacto do Facebook na comparação social e na felicidade: evidências de um experimento natural” (The Impact of Facebook on Social Comparison and Happiness: Evidence from a Natural Experiment⁵⁴), realizado por Ayala Arad, Ohad Barzilay e Maayan Perchick pela Escola de Administração da Universidade de Tel Aviv⁵⁵, os benefícios que podemos citar

⁵³Zuboff, Shoshana. **Big Other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization**, Journal of Information Technology, v. 30, 2015, p. 75-89. Disponível em: <<https://cryptome.org/2015/07/big-other.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

⁵⁴ARAD, Ayala; BARZILAY, Ohad; PERCHICK Maayan. **The Impact of Facebook on Social Comparison and Happiness: Evidence from a Natural Experiment**. 2017. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2916158>. Acesso em: 13 nov. 2020.

⁵⁵Tel Aviv-Yafo, é a segunda maior cidade e capital de facto e reconhecida internacionalmente de Israel

sobre o uso das mídias digitais é que existe o incremento de um capital social, amparo social e manutenção das relações sociais. No entanto, um número de evidências científicas que estão sendo construídas atestam o contrário, o que de acordo com o artigo se apresenta como o “Paradoxo da Internet” (Internet Paradox), onde a resultante dessa imersão social em meios virtuais se manifesta como uma faca de dois gumes, atuando também no aumento de casos de depressão e solidão.

Esse mesmo sistema de algoritmos, que tem como função principal a venda aos anunciantes de previsões sobre as ações dos usuários, exige a permanência da sua “mercadoria” ao máximo de tempo, pronto para receber tais estímulos. Ainda de acordo com o artigo da Universidade de Tel Aviv, “os designs das plataformas controlam qual informação será apresentada com maior enfoque”. No caso específico do Facebook, o design do feed cria uma ênfase esmagadora e uma falsa percepção sobre as experiências positivas dos seus contatos na rede, o que tende a gerar nos usuários sentimentos como inveja, ansiedade e ciúme.

Esses impactos são ainda mais potencializados no período de formação social dos sujeitos: o papel da convivência social por meios virtuais dos adolescentes é onde enxerga-se os danos mais concretos aos indivíduos. De acordo com a pesquisa Media Use Is Linked to Lower Psychological Well-Being: Evidence from Three Datasets⁵⁶, dos pesquisadores Jean M. Twenge e W. Keith Campbell, publicada na revista de psiquiatria Psychiatric Quarterly,

⁵⁶TWENGE, Jean; CAMPBELL, Keith. **Media Use Is Linked to Lower Psychological Well-Being: Evidence from Three Datasets**. 2019. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs1126-019-09630-7>>. Acesso em 13 nov. 2020.

entre adolescentes, o uso leve (light users) de tecnologias, menos de uma hora por dia, tem substancialmente um bem estar psicológico maior do que com usuários pesados (heavy users), que ficam mais de 5 horas por dia utilizando as redes. O estudo ainda conclui que os usuários pesados de mídia digital têm de 48% a 171% mais probabilidade de serem infelizes, de baixo nível de bem-estar ou de desenvolverem fatores de risco para o suicídio, como depressão, pensamentos suicidas ou tentativas anteriores de suicídio.

Outro ponto pertinente são os impactos políticos e sociais dos quais essa imersão sociodigital nos coloca. No Twitter, fake news se espalham seis vezes mais rápido que notícias verdadeiras⁵⁷, é o que diz o título da matéria vinculada ao portal da Superinteressante, escrita por Ingrid Luisa. De acordo com a matéria, as notícias falsas com maior veiculação são exatamente sobre política, outro ponto interessante é de que os bots, como são chamadas as ferramentas de disparo em massa de mensagens, não guardam em si a primazia da culpa da disseminação dessa fake news, sendo os usuários reais a maior ferramenta orgânica de disseminação. O que podemos entender a partir do que foi exposto é que o algoritmo é uma ferramenta mais poderosa ainda no âmbito do debate público.

Em meio a este desastre do qual estamos inseridos, quais são as alternativas apresentadas para buscar a solução desse mal estar social? Atentando-nos primeiramente as

possibilidades dadas pelo docudrama⁵⁸ estadunidense dirigido por Jeff Orlowski lançado pela Netflix, em 9 de setembro de 2020 “O dilema das Redes”. Na produção temos duas grandes opções de saída: uma seria uma regulamentação no mercado das grandes redes sociais, seja com medidas de taxação de dados ou regras de mitigação e controle de uso das redes, nesse caso, para proteger as crianças e futuras gerações. A outra frente de combate caberia a nós mesmos usuários dessas redes, devemos nos policiar e abandonar o vício⁵⁹, tarefa que como qualquer adicção é difícil, porém possível e necessária. A partir deste ponto, a falta de profundidade da qual o problema é analisado no documentário e em grande parcela da mídia jornalística se mostra evidente.

Ora, se estamos falando, como foi proposto, de uma nova fase do capitalismo, é prudente que antes de buscar entender e solucionar essa crise de um capitalismo de vigilância, devemos debater o problema em questão como um próprio ao capitalismo.

O documentário expõe de forma alarmante toda desgraça da qual a forma de sociabilidade humana está a caminho. Essa realidade da qual nós, seres humanos, somos a mercadoria comercializada e coisificada por grandes corporações, que cada vez mais se afirmam como enormes monopólios. Aqui usamos do bom humor de Mauro Iasi ao escrever a coluna “O dilema do dilema das redes: a internet é o ópio do povo⁶⁰” para o Blog da Boitempo:

⁵⁷ LUISA, Ingrid. **No Twitter, fake news se espalham 6 vezes mais rápido que notícias verdadeiras.** 2019. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/tecnologia/no-twitter-fake-news-se-espalam-6-vezes-mais-rapido-que-noticias-verdadeiras/>>. Acesso em 13 nov. 2020.

⁵⁸ Docudrama é uma obra audiovisual cujo gênero se situa entre a ficção e o documentário.

⁵⁹ CASTRO, Carol. **Redes sociais viciam mais que sexo e cigarro.** 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/cienciamaluca/redes-sociais-viciam-mais-que-sexo-e-cigarro/>>. Acesso em: 13 nov. 2020.

⁶⁰ IASI, Mauro. **O dilema do dilema das redes: a internet é o ópio do povo.** 2020. Disponível em:

“Neste momento, um alemão barbudo, com cabelos desengrenados, levanta os olhos em meados do século XIX de um manuscrito escrito com pena e tinta e diz: ‘Du weißt nichts, unschuldig’ (mais ou menos: ‘sabe nada, inocente’)”.

Perante o cenário do qual nos é colocado no “O Dilema das Redes”, fica aparente o caminho de entendimento para esse capitalismo dentro das colaborações de Karl Marx à crítica da economia política e de toda corrente de pensamento nela sustentada. A humanidade é coisificada como mercadoria, ou melhor, através de algoritmos avançados e dotados de uma inteligência artificial, o mapeamento e a indução de perfis e comportamentos nos dirige com alto grau de certeza aos produtos anunciados com o objetivo de manter-nos fiéis ao consumismo, imprescindível para a valorização ampliada do capital.

Portanto, de onde surgem toda essa riqueza e lucro citadas anteriormente das quais as grandes companhias de “ponto com” se apropriam? Quem paga esses faturamentos, visto que não são as mesmas geradoras de valor? Existe, portanto, um terceiro elemento que deve ser trazido à luz, para entendermos a totalidade do sistema. A categoria de valor aqui é importante para entendermos esse movimento, sendo que tais firmas não produzem, mas apenas se apropriam do valor produzido por outros setores da economia, estes sim, produtivos⁶¹. Entendendo aqui a

<https://blogdaboitempo.com.br/2020/10/20/o-dilema-do-dilema-das-redes-a-internet-e-o-opio-do-povo/>. Acesso em: 13 nov. 2020.

⁶¹ A partir das contribuições de Smith, Ricardo e Marx, os quais tratam o trabalho produtivo como aquele que gera valor novo, que cria um produto a partir do trabalho humano de transformação da natureza; e improdutivo, como aquele que assim não o faz e, apesar de ser tão importante quanto o trabalho produtivo para o funcionamento do sistema econômico.

expressão trabalho produtivo à luz da economia política clássica.

Com isso podemos entender as grandes companhias: Facebook, Instagram e Google, como grandes agências de publicidade, responsáveis pela divulgação maciça de mercadorias para um público consumidor potencial. Isso demonstra que apesar de estarmos lidando com uma nova forma de manifestar-se das categorias de análise do capitalismo, estamos falando ainda das manifestações do modo de produção capitalista.

O que falta no documentário e em todas as críticas que se dedicam a culpabilizar as empresas de mídias sociais por todas as mazelas da sociedade contemporânea, é entender todos esses processos sob a ótica do capital, a qual a vida está organizada. Para reforçar, afirmamos, que para entender o processo do capitalismo de vigilância, é necessário entender os processos do capitalismo enquanto um modo historicamente determinado de organização da vida em sociedade e que apresenta uma específica lógica de reprodução social.

O capital é a “unidade do processo de produção e do processo de circulação; o processo de produção torna-se mediador do processo de circulação e vice-versa”⁶². O capitalista inicia comprando mercadorias para serem utilizadas no ato de produção, organiza um processo de produção e termina vendendo uma nova mercadoria. O processo de valorização se dá no consumo da força de trabalho, que é a única mercadoria capaz de gerar mais valor que seu

⁶²MARX, Karl, **O capital**: crítica da economia política : livro II : o processo de circulação do capital; tradução e seleção de textos Rubens Enderle - São Paulo; Boitempo, 2014.

próprio valor, uma mais-valia. Porém é somente na circulação, na venda da mercadoria que o mais-valor se realiza⁶³. Portanto, não é nas empresas de mídia social que esse valor e mais-valia são produzidos.

Perdoe-nos leitor por essa discussão um tanto quanto teórica demais, porém é essencial para chegar à conclusão da qual queremos. O que guiou a forma pela qual a tecnologia seguiu não foram as mentes de grandes gênios bilionários maquiavélicos das empresas de mídia social, mas sim o sistema de produção do qual estamos inseridos. Não existe desta forma, um horizonte que possa apresentar uma solução diferente de uma revolução completa na estrutura do modo de produção do qual nosso tempo histórico tem como hegemônico. Não podemos falar do fim do domínio da nossa sociedade, mentes e liberdades, sem falar no fim do capitalismo. “Os artistas da circulação, que se imaginam capazes de fazer, por meio da velocidade da circulação, algo mais que reduzir os impedimentos postos pelo próprio capital à sua reprodução, estão num beco sem saída”⁶⁴

As redes sociais são hoje espaços extremamente úteis não apenas às corporações (por mais que sejam elas as interessadas na nossa atenção aos anúncios, sendo transformadas em lucro), cabe àqueles que se orientam contra esse processo de exploração acelerada que se revoltam e usufruem dos meios possíveis para a derrocada do sistema de produção. Sair das redes não é uma saída coletiva de um problema coletivo e social, cabe

então buscar espaços de ciberativismo, como forma de resistência frente a esse avanço feroz do capital. Buscar entender e transformar o espaço virtual em espaço democrático e de construção da superação da própria internet é o projeto de uma sociedade livre da exploração capitalista.

Parafraseando o ciberativista Nick Dyer-Witheford⁶⁵, se todos esses algoritmos são ideias políticas no formato de códigos, onde estão os códigos da política de superação do capitalismo?

⁶³MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: O processo de produção do capital / Karl Marx; tradução de Rubens Enderle. - São Paulo: Boitempo, 2013.

⁶⁴MARX, Karl, **Grundrisse** : manuscritos econômicos de 1857-1858 : esboços da crítica da economia política; tradução Mario Duayer, Nélcio Schneider (colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). – São Paulo : Boitempo, 2011.

⁶⁵SEYMOUR, Richard. **Não, as redes sociais não estão destruindo a civilização**. 2020. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2020/09/nao-as-redes-sociais-nao-estao-destruindo-a-civilizacao>>. Acesso em: 13 nov. 2020.